

BRASIL - PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

16 DE AGOSTO DE 1909

N.º 254



Francisco Hygino Craveiro Lopes

General de divisão

(† a 11 de Agosto de 1909)

Official illustrado, energico e ao mesmo tempo bondoso, o general Craveiro Lopes, chefe da Casa Militar de El-Rei, era, pelas suas qualidades de character e pelos seus vastos conhecimentos, uma figura de destaque no nosso meio militar, causando por isso a sua morte uma profunda impressão.

Tendo ascendido ao mais alto posto do exercito e desempenhado as mais importantes commissões de serviço, o general Francisco Hygino Craveiro Lopes procurou sempre conciliar o bem estar dos seus subordinados com os rigores da disciplina.

A patria perde n'elle um leal servidor e a Familia Real um dedicado amigo.

A manifestação do dia 2



No largo das Duas Igrejas

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

El-Rei D. Manuel é convidado a visitar oficialmente a Inglaterra. Uma notícia que passa despercebida, mercê da acção da Liga Liberal. A manifestação do dia 2. Considerações sobre esse protesto. — A época de exames. A tortura dos examinados, dos paes e dos professores. O exame do menino e o pedido da menina. Actos sollemnes. Conta-se uma historia. Tenta-se descrever um caso de exame.

Na ultima reunião do Conselho de Estado, convocado para ser ouvido sobre uma prorrogação de côrtes, que foi concedida, Sua Magestade El-Rei D. Manuel communicou aos seus conselheiros que o rei de Inglaterra o convidara a visitar este paiz, tendo o Senhor D. Manuel accedido o convite.

E' esta a mais importante noticia da quinzena, acontecimento notavel por todos os motivos, dos quaes o principal é a boa disposição em que para nós esta a velha allia-da, cujas relações commosco haviam esfriado (quem o ignora?) desde essa historica tarde de 1 de fevereiro em que foram barbaramente assassinados El-Rei D. Carlos e o Principe Real D. Luiz Filippe.

Aparte um ou outro elemento conservador, parece que ninguem deu razão de tão significativo acontecimento, tal o barulho feito em volta da obra da Junta Liberal, a grande romaria ao palacio das côrtes onde o deputado sr. Miguel Bombarda foi, acompanhado segundo uns por cem mil pessoas, segundo outros por trinta mil, entregar uma representação pedindo o restabelecimento de leis repressivas contra inimigos que s. ex.^a nas horas vagas vê, palpa e sente n'uma obra nefasta, talqualmente os malucos do maniconio da sua abalissadissima direcção veem, palpam e sentem coisas e pessoas que infelizmente — ai d'elles! — nunca existiram.

Porque, se o inimigo de que urge defendermo-nos é o jesuita que ahi se apresenta sem reboço, legalmente, ensinando nos seus collegios modelares que a nenhuns outros podemos comparar, e os padres e irmãs que superintendem nas instituições de caracter religioso que ahi existem, matando muita fome e arrancando a prostituição e ao crime muita preza, supprindo a lamentabilissima deficiencia de uma assistencia publica e da nossa instrucção official, francamente, francamente, não nos parece abonatoria de um integro senso commum a palavrosa representa-

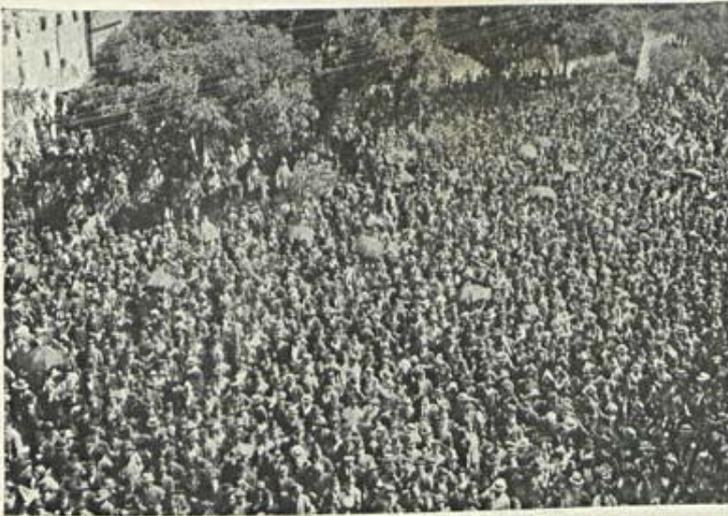
ção da Junta Liberal, iniciada e mantida n'um curto lapso de tempo pelo grande juriconsulto e eminente estadista José Dias Ferreira, cuja phobia jesuitica o levava aos excessos de mandar educar filhos e netos... no collegio de Campolide.

O jesuita seita, o jesuita instituição, não está estabelecido em Portugal. Certo é — e ninguem o nega — que entre nós vivem alguns padres jesuitas, no goso de um direito que ninguem lhes pode contestar, exercendo a sua profissão religiosa ou ensinando em casas de educação legalissimamente instituidas e tão sujeitas á fiscalisação do Estado como outras congeneres. Com a sua existencia em Portugal só temos a ganhar, porque digam o que disserem, ainda ha de nascer quem tenha methodo de ensino que eguale o dos jesuitas. Não o digo eu, dizem-o todos, e muitos são, os homens illustres cujo espirito foi formado nas casas de educação regidas pelos padres da Companhia.

Eu não conheço a constituição nem os pontos de ligação que porventura existem entre as instituições religiosas estabelecidas em Portugal, de caracter educativo e caritativo. Mas conheço de per si, algumas, como as Irmãzinhas dos Pobres e sei bem quantos beneficios ellas espalham. Pertencem a uma seita? Representam apenas o esforço de algumas boas almas isoladas que se comprazem na pra-



A manifestação do dia 2. — Alguns membros da Junta Liberal
(Clichés de J. Boullé).



A manifestação do dia 2. — No largo das Córtes

Cliché de J. Benoitel).

tica do bem? Não sei. E accrescentarei que não me importa saber. A uma seita que pertençam, abençoada seja ella que tantos e tão grandes beneficios espalha.

Todas as manhãs, ao desdobrar o meu jornal para tomar conhecimento do que vae por esse mundo de Christo, deparam-se-me tres e quatro columnas compactas de lista de examinados em diversos estabelecimentos de instrucção. E' que estamos na época de exames, época terrivel para os meninos que estudam, e ainda mais para os que não estudam, para os paes que os querem fazer gente e para os professores que aturam os meninos durante a época lectiva e os paes durante a época de exames.

O exame do menino é um dos factos mais notaveis da familia em Portugal. O exame do menino e o pedido da menina em casamento são actos de uma solemnidade sem igual.

— Se o pequeno passar em francez. . .

— Se a pequena tiver a sorte de encontrar um rapaz geitoso. . .

Não ha casal que, apagada a luz e enfiados o barretinho de dormir e a coifa, n'aquella hora de silencio e maxima intimidade, não diga essas duas phrases entre bocejos e cruces na bocca. O caso é haver meninos e meninas e o marido não estar em disposição de se virar para a parede.

O exame de francez é a primeira aureola que nimba de uma luz de gloria e frente do filho do portuguez. O pedido da mão da menina é um facto que prestigia esta a ponto de serem os paes quem passa a respeit-a e não ella aos paes.

Ha uns vinte e cinco annos bem puxados, havia em Belem uma mulher, a Carolina engomadeira, que tinha uma filha muito galante, chamada Palmyra, que ajudava a mãe no seu penoso mister e ia levar roupa aos freguezes. De uma occissão a Palmyra faltou. Perguntei por ella a uma serigaita que a substituiu.

— Casou. . .

Passam-se semanas. Uma tarde, em Belem, encontro mãe e filha. A Palmyra, quando me viu, corou e sorriu.

Dirigi-me a ellas.

— Adeus, Carolina, como está vocemecê? Adeus, Palmyrinha, então, já sei que casaste. . .

E logo a engomadeira:

— D. Palmyra, D. Palmyra. O homem d'ella é sargento!

E rompeu por alli fóra com a pequena e nunca mais me engomou as camisas. . .

O exame do rapaz tira o somno aos paes — ao pae, principalmente. O pae duvida sempre do saber do filho; a mãe, não.

— Não sei para que são essas afflicções. Como se o menino não tivesse estudado todo o anno como um moirinho!

Mas nada tranquillisa o pae. Nada — a não ser uma carta de empenho para os examinadores. Isso, sim, isso consegue trazer-lhe ao espirito alguma serenidade. E só ha uma coisa mais efficaz que uma carta de empenho. E essa coisa. . . é outra carta. Duas cartas — o triumpho!

Chega o grande dia. O menino toma banho — para tonificar a intelligencia. Veste-se de lavado e estreia uma gravata. A mamã faz-lhe a risca com difficuldade no cabello cortado na vespera e pede-lhe que não se assuste, que não tenha medo de responder e que ande sempre para deante.

O pae passeia na sala, cofiando nervosamente o bigode.

— Vejam se se aviam!

— Já vae, já vae! Ainda agora são nove e meia. O pequeno não ha de ir por arranjar para o meio da rua.

A mãe estica-lhe o casaco, dá-lhe um ultimo geito á gravata, vira-o, revira-o. . .

— Ainda não?

— Prompto! Adeus, filho! Enternecida, a mãe beija o pequeno e fica-se com os olhos marejados de lagrimas. O pae intima á sahida:

— Vê se te despachas.

Saem. Na escada, a mãe ainda se debruça e grita para baixo:

— Zéquinha, olha-o atilho da ceroula que vae cahido, filho.

O menino pára a amarrar o atilho. O pae enfurece-se e dá-lhe um cachaço — para o animar.

Este burro, que nem prestimo tem para se arranjar!

A' volta a mãe está á janella, toda debruçada, com a mão em pala sobre os olhos. Lobra os dois.

— Ah! vem elles!

Elles tambem a viram. O pae faz o signal combinado: agita um lenço. Ella doida de contente vira-se, corre á cosinha, onde a D. Brites, que é visita, está fazendo pasteis de bacalhau:

— Ficou bem! Ficou bem!

A D. Brites, muito satisfeita abraça a mamã, batendo-lhe nas costas com a colher de pau com que amassa os pasteis. Ao voltar-se para abrir a porta áquelle triumpho da sabedoria humana, pisa o rabo do gato que foge espavorido atirando ao chão o cesto da costura.

Beijos, abraços, lagrimas, gritos, urros.

— Ficou bem, o meu rico filho!

— Pois então não havia de ficar! exclama a D. Brites.

E a mãe, enternecida, atirando-se ao pescoço do pae:

— Pois, tem a quem saia. . .

E o menino, deixando-se cahir n'uma cadeira:

— *J'ai faim. Pain et beurre!*

A mãe estaca, de bocca aberta.

— Que dizes tu, filho?

— Tenho fome. Pão com manteiga!

— Jesus, Senhor! O que elle sabe! (*virando-se para o marido*)

— Eu não te dizia homem? E foste ficar em obrigação a quem pediste as cartas de empenho!

— Tu sabes lá o que dizes! Isto de professores é tudo uma canalha!

CAMARA LIMA.

Os teus olhos

A gente da tua rua,
mesmo em noites de luar,
já sabe, ó meu doce amor,
quando tu vaes a passar.

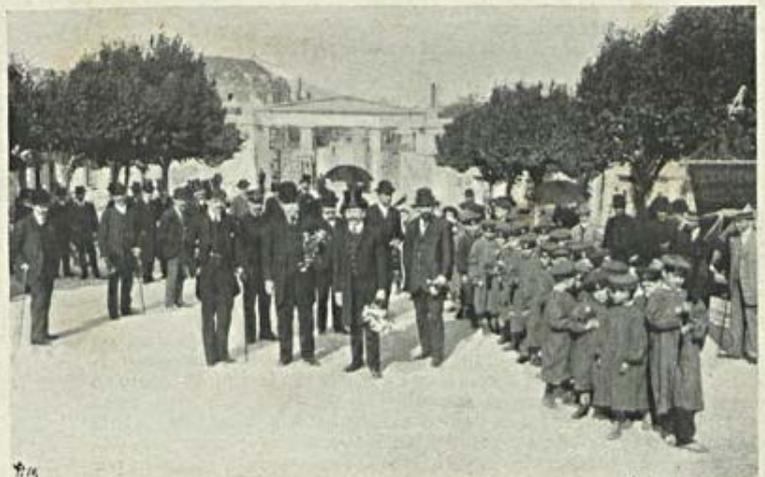
E já notei varias vezes
que, quando passas, meu Bem,
até os cegos me dizem:
— «Que lindos olhos que tem! . . .»

E' que a esse doce instante
não há, não, quem lhe resista,
pois os teus olhos divinos
até aos cegos dão vista. . .

Lisboa —

Mario Salgueiro.

Homenagem a Trindade Coelho



78

(Cliché de A. C. Lima).

No cemiterio dos Prazeres

Drs. Magalhães Lima, Costa Ferreira, Henrique Trindade Coelho
e os alumnos da Escola Officina n.º 1

EM CASA DOS ARTISTAS

José de Sousa Monteiro

Conheci-o sempre, e o meu espirito creou-se, educou-se e desenvolveu-se à sombra do seu. Chegámos, orgulho-me de o confessar, a uma perfeita unidade de gostos e apreciações, o que, melhor dito, significa que a minha fraca intellectualidade de mulher soffria a influencia deslumbradora do seu espirito educador e se deixava guiar de olhos fechados, julgando — a inexperiencia tem d'estas vai-



A residencia de Sousa Monteiro

dades — que os tinha completamente abertos e que julgava e discorria por mim.

As vicissitudes da vida afastaram-nos um pouco sem diminuir em nada o forte affecto que nos ligava. Hoje, só entregue a mim, quasi nada resta de commum nos nossos ideaes, que divergem muitissimo, o que nada influe na boa harmonia das nossas relações que são d'aquellas que nem o tempo nem os homens podem de forma alguma entibiar.

O meu mestre — é assim que desde creança lhe chamo — tem, além de um grande talento e vasta erudição, um character recto e altruista e, cousa rarissima em nossos dias, um coração dulcissimo, notavelmente aquilatado. Poucos o terão podido avaliar á sua justa altura, porque Sousa Monteiro, sensível como a sensitiva, retrae-se como ella á approximação de estranhos. Se lhe são sympathicos volta lentamente ao seu estado natural e encanta-os pela sua graça, atrai-os pelo seu espirito, deslumbra-os pelo seu saber.

Mas, se a sympathia se não faz sentir, conserva-se retrahido e num propositado mutismo. Profundamente sincero, é incapaz de esconder as suas emoções. Irrita-se e exalta-se em excesso com a mesma facilidade com que se commove e entenece até ás lagrimas.

A sua bondade e ternura pelos que soffrem não conhece limites. Em poucas almas tenho visto brilhar, como na sua, a purissima scentelha da piedade divina.

O sabio, o erudito, é conhecido e muito: o homem, que n'elle vale tanto, raros lhe sabem o merito.

Sousa Monteiro não é d'esta época. No seu grande espirito estão arreigadas, a par das mais sublimes e santas crenças religiosas, ideias e theorias fortemente conservadoras. Deus, Patria e Lei é o seu lemma, e, com o entusiasmo apaixonado dos temperamentos excessivos, daria a vida, se preciso fosse, na defesa dos seus ideaes.

Filho do polemista religioso de saudosa memoria e aureo nome, a quem, na mania nacional de lisonjear com cousas que não lisonjeiam, chamavam o Veillot portuguez como se a comparação com um estrangeiro, embora illustre, pudesse nunca affectar agradavelmente um character peninsular, José de Sousa Monteiro foi educado em Campolide tendo por principal amigo e director o padre Carlos Rademaker de veneravel e veneranda memoria. A semente religiosa estava fortemente lançada e, se por momentos o seu espirito fluctuou na duvida e o materialismo chegou quasi a vencel-o, tudo isso passou e se extinguiu com os verdores da idade tão facilmente como no céu se desvanecem as nuvens em abril.

Hoje, immensamente religioso e devoto sem fanatismo, sente na elevação da sua alma a Deus uma compensação ás miserias e dôres da terra. E o poetico mysticismo do seu espirito encontra por vezes nas doces preces, que em primorosos versos lhe acodem aos labios, toda a belleza que em imaginação se fórma na terra de um mundo melhor.

Foi talvez pensando n'elle que eu achei á volta de um villancete meu, este final, que não é de todo infeliz:

*A mente que a Deus se eleva
Como hade baixar á terra
Sem pena, sem dôr, sem ais?!*

Sousa Monteiro é excessivamente bom para ter dos homens e das cousas uma ideia justa. *Os olhos da sua alma*, como elle costuma dizer *não são como os do corpo e vêem assaz bem*. Mas, temperamento essencialmente emotivo, o coração não é n'elle simplesmente o motor da machina que lhe proporciona a vida: é tambem a lente através da qual elle julga tudo e todos. D'ahi, devido á sua excellencia e bondade, todos ganham em ser vistos por elle. Lembra-me um dia em que me irritou sobremodo o bom, mas falso juizo que elle formava de um amigo que lh'o não merecia. O affectuoso respeito, que sempre lhe tive, impediu-me de o contradictar; mas quando elle sahio, furiosa da minha fraqueza, que me obrigou a calar o que deveria ter-lhe dito, dei largas ao mau genio, e exclamei n'um impeto de colera:

— Isto não se tolera. O Sousa Monteiro de tal maneira se perdeu pelas viellas e recantos da Roma antiga, de tal maneira se enleva no passado que perde a noção da realidade da vida.

— Porque lh'o não dizes? — perguntaram-me em tom de censura.

— Eu!

O pasmo de que alguém pensasse que eu me atreveria a fazer um reparo ao mestre desvaneceu-me a furia feminil.

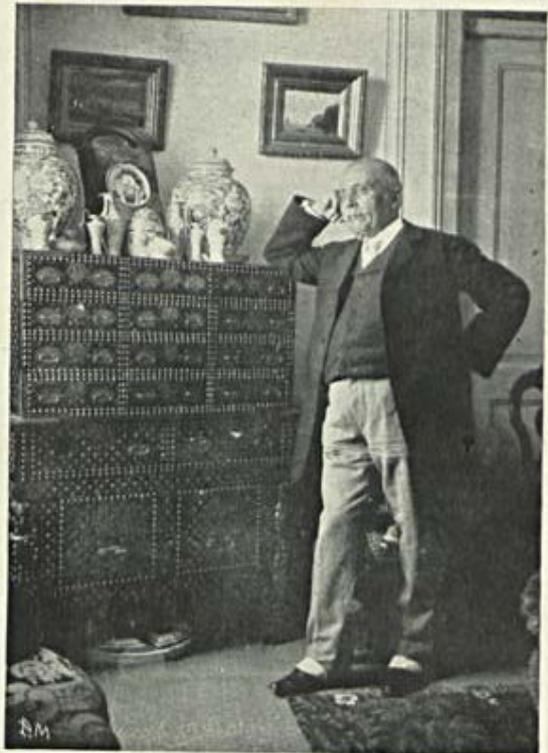
Mas, note-se, não era temor, nem respeito; era qualquer cousa de mais e de melhor.

Na minha extremamente amimada creancia e adolescencia nunca encontrei em ninguém senão carinhos e affagos. Sousa Monteiro, como todos, rodeava-me de amigas pieguices; mas, educador como raros, não aceitava sem revolta a minha pouca assiduidade ao estudo e os meus caprichos, sempre louvados e realizados, mas nem sempre justos.

N'essa altura, elle, tão facilmente irritavel (recordo-me com enternecido reconhecimento) nunca teve para mim uma palavra dura; olhava-me com amiga reprovação. E a esse olhar, eu, a quem talvez uma censura excitasse a fazer peor, abandonava immediatamente o que m'o tinha merecido, vivamente contrariada de lhe ter desagradado.

Para as creanças, como para as mulheres, desagradar seja a quem fór causa sempre um antipathico constrangimento; mas a uma pessoa amiga não se supporta.

Vendo que eu não estudava e que, se abundavam em minha casa mestres de tudo, eram simples objectos de luxo e não de utilidade, elle, o sabio, o erudito, o pensador, achou no seu coração affecto bastante para me educar, para me animar, para

José de Sousa Monteiro na sua sala de visitas
(Clichs de A. C. Lima).

me levar a estudar com prazer e deleite, para me impôr ao apreço dos outros, incutindo-me n'alma a admiração e respeito por tudo que é bom e bello, não descurando mesmo o cuidado da religião, e

secundando, sem combinação, os esforços do dr. Patricio Roussel para me tornarem a mulher forte do Evangelho.

Estraga o tempo as obras dos homens e os revezes da vida os corações mais cuidados. Hoje que, sem azedume, devido certamente à benéfica influencia que dirigiu a minha mocidade, sou péssimista por convicção e experiencia, a nobreza dos seus princípios, a grandeza moral da sinceridade das suas convicções, impõe-me o mais enternecido e carinhoso respeito. E' que tenho nellas também a saudosa contemplação que dá a lembrança, sempre querida, de um bello sonho desfeito.

Mas eu quero que o leitor julgue por si quanto em José de Sousa Monteiro o homem corresponde cabalmente ao artista. Ahí vac na in-



José de Sousa Monteiro no seu gabinete de estudo

(Cliché de A. U. Lima.)

tegra uma carta escripta ha bons 22 annos, mas que revela optimamente como elle sabe educar.

«Minha querida Concha:

Lê os sonetos. Tem os seus lapsos e imperfeições naturaes em quem começa. Mas no fundo ambos me agradam. Tem ideia e tem sentimento. São estas as condições essenciaes da poesia, essa divina e inexplicavel cousa.

Já me vae parecendo que vens a pertencer à confraria. O que é preciso é menos furia. Tem isto duas vantagens que submetto à tua consideração: a primeira é que o soneto virá melhor (digo soneto, mas não se intende isto só com esta tão singular e tão bella forma de poesia); a segunda é que eu serei menos massado. Percebes? Por conseguinte prende-me bem a Musa. Acabrama-a. Sabes o que é acabarar? E' prender uma arma de uma vacca ou de um boi das mãos do mesmo sujeito ou sujeita, para não fugirem. Segura-m'a bem. E quando tiveres feito algum soneto (visto ser o soneto agora o preferido) não m'o mostres senão depois de o ter melhorado quanto possível, substituindo expressões, alterando a ordem e disposição das palavras no verso, etc. Se eu te puder provar que o podias ter feito melhor e por negligencia o não fizeste chamo-te poetiza de agua doce e d'ahi para baixo. Imagina. E não m'os mandes, pois raras vezes os posso ver aqui e corro risco de os extraviar.

Adeus até amanhã, querendo Deus. Havemos de emendar os dois sonetos que me mandaste ou melhor hei-de dizer-te como tu os has-de emendar. Teu amigo do coração. — *Sousa Monteiro.*»

Pode algum dirigir mais suavemente e melhor?

Outra com data mais recente, mostra que os annos lhe não alteraram o methodo nem o affecto.

«Querida Concha:

Excelente. Approvo e applaudo com as mãos ambas, como se costuma, embora não muito correctamente, dizer, a tua ideia. Principalmente se escreveres outro artigo ou se não fazendo esse muito grande poderes incluir n'elle reflexões sobre a terribilissima inundação de obras immorales e indecentes no theatro e na imprensa.

O assumpto dá bem para dois artigos; mas podes fazer só um. São dois aspectos da mesma questão grave e que tão pouco parece preocupar os espiritos entre nós. E digo entre nós porque na Inglaterra, na Allemanha e até na França, que temos a mania de imitar em tudo e por tudo, não succede o mesmo. Como, ao tratares d'estes assumptos falavas *ex abundantia cordis* (tu também és latinista) tiveste phrasas boas, e que me convenceram que podes muito bem fazer d'estes e d'outros trabalhos. Poderás mesmo, escrevendo no intervallo sobre outras cousas, fazer de quando em quando sobre este mesmo assumpto o teu artigosinho. Também é do Evangelho que para ser ouvido se deve instar opportuna e importunamente. Importunidades, em cousas tão sérias e de tanto alcance, são boas. Não se deve ter escrupulo, antes se deve ter jubilo e gloria de empregar-as. A proposito de assumptos para artigos, e pensando tu em escreveres criticas de livros apparecidos, não falavas com demasiada estima da tal occupação. Não me parece que tenhas razão,

minha querida Concha. Eu estimaria até que, lendo revistas, tu procurasses nos themas que ellas tratam assumpto para artigos: ou criticando esses themas em si ou na forma em que foram expostos; ou vindo com a tua palavra, com as tuas reflexões, com os teus sentimentos, em defesa e esteio d'elles. E' uma linda e altamente proficua occupação. Exige estudo, reflexão, valor, mas vae a gente escolhendo os assumptos que se harmonisam com as condições em que se acha e vae ao mesmo tempo preparando-se para outros. Nos livros e artigos de critica pode-se metter tudo, ideia, condição, reflexão, espirito, razão e até poesia, cousa que tão pouco parece dizer com a critica. Pois diz. A França tem recentemente, no meu tempo, até no teu, um grande poeta na critica: Paul de Saint-Victor, de quem me terás ouvido falar alguma vez, e de quem o Barbey d'Aureville, que era também um poeta na critica, escreveu offerecendo-lhe ou antes consagrando-lhe um livro de critica ácerca de poetas francezes: *les poètes à un poète car vous êtes un poète et un poète splendidement vivant*. Estou a preparar-te esta massada porque te quero convencer a tomares esta bella occupação para o espirito. Para agora faze o artigo ou artigos em que me falaste na tua carta, e em que te falo n'esta; depois acharemos e trataremos de outros assumptos de critica para artigos. Muito gostava de te metter por este caminho, minha querida Concha. Podias alcançar um logar á parte no nosso mundinho litterario não se sabe fazer cá isso para que te acho disposição. Eu considerava-o até uma boa obra minha. Vê lá. Com esta carta receberás um numero d'um jornal hespanhol que o Tovar me mandou com uma poesia gallega signalada por elle a lapis. Lê o jornal e traduz a poesia se te agradar.

Mando-te também um exemplar do discurso ácerca do Cervantes, lido na Academia. Ouviste-o, agora lê-o, se te aprouver. Pediste poucas palavras, escrevi-te uma longa carta. Recebe mil saudades e um abraço do coração do teu velho e grandissimo amigo. — *Sousa Monteiro.*»

Em outras cartas, quando a morte me roubou um dos meus melhores esteios, tem phrases d'estas:

«*Ha nas lagrimas uma consolação infinita, que nada, que ninguém nos véda. Tem-a pois; mas conforta-te, mas resigna-te do fundo da tua alma, do fundo do teu coração maguado.*»

Quando li a triste nova nos jornaes lembrei-me logo de ti. E hoje logo de manhã não quiz deixar de escrever-te porque sei que ha balsamo para ti nas minhas palavras pois bem sabes que paternal carinho tens no meu coração.

A natureza da nossa affeição, minha pequena, é eterna e d'aquellas que nem a vontade propria podem quebrar; crescem e fortificam com o tempo e descem connosco ao tumulo...»

Mais tarde, tentando desfazer-me tristes apprehensões, cita-me entre phrases de sollicitude infinita, os versos do poeta:

*Si a ciassem l'interno affanno
Si leggesse in fronte scritto,
Quanti mai che invidia fanno
Ci farebbero pietà etc.*

Com os seus amigos é assim. Com os infelizes e desventurados da sorte a sua caridade é inexcedível. A uns paga remedios, a outros a casa, a educação: a uns esmolos mensaes, a outros semanaes e até nem se esquece do preceito de enterrar os mortos.

Tendo sido muita vez mensageira das suas caridades posso bem pagar-me do trabalho d'essas missões, nem sempre alegres, com uma indiscricção que me orgulha e envaidece por aquelle a quem vae causar uma viva contrariedade e um amuo de oito dias. Não lhe appareço n'este espaço de tempo e, quando nos virmos, tudo estará passado.

Comecei por lhes falar do seu coração; acabarei por lhes falar do seu talento.

José de Sousa Monteiro seria talvez um genio se não quizesse, acima de tudo, ser artista.

A preocupação da arte e do estylo levam-n'o longe de mais. Encontra na maioria do publico desgurado porque não está preparado para o apreciar.

Todo o defeito, escreveu alguém de tino, é uma qualidade exaggerada. O meu mestre tem um defeito. Se se tratasse d'um estranho, d'algum que me não fôsse nada, calar-me-hia: tratando-se d'elle, nem elle nem o publico me perdoariam a deslealdade de o não confessar. Excede a perfeição sem se lembrar que a visão humana, quando não attinge as imagens, as enturba e entibia.

Eu, que me orgulho de o comprehender, como poucos, lamento profundamente que elle não desça ao alcance de todos. Nunca lh'o disse por saber que era inutil; mas n'este artigo que é, como eu entendo que deve ser, de analyse franca e justa, não posso deixar de dizer a verdade: o contrario seria offendê-lo e eu nunca propositadamente offendi um amigo, quanto mais um mestre, quanto mais um pae.

A sua obra é diminuta mas construida para não cahir e para passar atrevidamente de pé atravez dos seculos.

Primoroso poeta e summo artista, para mim a sua melhor obra é incontestavelmente *Os Amores de Julia*. Se, em vez de ter nascido em Portugal, tivesse visto a luz em França ou Inglaterra, esta obra ter-lhe-ia dado fama universal, porque excede em muito o *Quo Vadis*.

Não sei o que pensarão, o que elle mesmo pensará d'este meu artigo. E' tão difficil escrever ácerca dos que nos tocam de perto!

Puz n'elle toda a minha sinceridade e procurei refrear o meu affecto. Consegui-o? Não sei: o publico o dirá. Por mim, como o assumpto me interessa, tive de lhe marcar espaço para lhe poder achar fim.

Maria O'Neill.

Machado de Assis, socio da Academia Real das Sciencias, de Lisboa

Parecer lavrado pelo socio effectivo José de Sousa Monteiro
acerca da candidatura do escriptor Machado de Assis

De todas as qualidades que distinguem Machado de Assis tres captivam por certo mais a attenção e o agrado. São ellas, a meu vêr, que melhor o definem e caracterizam. D'essas tres aponto duas desde já: a fecundidade e o *humour*. A terceira dil-a-hei depois. Um bello remate e fecho de ambas.

A antiguidade grega e a romana dividia, pode dizer-se, os artistas, os poetas, os *dii majores*, é claro, — que dos de somenos conta, dos *dii minores*, pouco se deu ella e, como ella, se deu pouco a posteridade, — em fecundos e em perfectos. Ha os que simultaneamente foram perfectos e fecundos. E' certo. Esses porém são raros, raríssimos,

altos que sejam os dotes recebidos não se concebe e realiza tanto sem entranhado amor ao trabalho, nossa pena e nossa gloria.

A segunda qualidade mais característica do escriptor que me occupa é cousa que a muitos passa por nascida de hontem. Mero engano. Não seria ella por isso de menor valia. Mas não é nascida de hontem. Também a conheceu a antiguidade. Simplesmente conheceu-a e cultivou-a sob fórmas que lhe são peculiares. Não apreciamos, não sentimos hoje nós o *humour*, o chiste, a graça da Grecia e Roma. Não se crerá porém que nada d'isso exista, que lá não existisse quando menos. Existiu. Está já morto e frio; mas existiu, teve alma. De seu lastimavel estado de hoje não é elle culpado certamente. Também o não seremos nós. Culpado é unicamente o tempo decorrido, a natureza humana que mudou. E' este o ponto; no respeitante a obras de arte, em que ella principalmente e mais depressa muda. Ninguém, muito embora versadissimo na lingua que foi gloria da Grecia, que o é e será sempre da humanidade, rirá com verdade e consciencia dos chistes, agudezas e sainetes de Aristophanes, por exemplo, o maior dos comicos da Hellada e um dos maiores do mundo. E não admira. O primeiro predicado que se perde é o de acordar o riso adormecido. Horacio já taxava duramente de insipidos os mais argutos ditos de seu Plauto, *plautinos sales*, com os quaes, com lealdade mas com espanto o reconhece, se haviam largamente rido seus avós.

NO TEJO. — Visita da esquadra ingleza



(Cliché de J. Benolle).

A bordo do couraçado «Bacchant». — O Senhor D. Manuel,
o almirante e os commandantes dos navios da esquadra, no dia em que se realiso o almoço offerecido a El-Rei

simos, como os privilegiados em tudo e sempre e em toda a parte de-
vem ser e são. Assim, ainda para a propria Grecia, que parece ter
sido quem unicamente, se alguém o conseguiu n'este incompleto
mundo, attingiu a perfeição nas cousas do homem, a abundancia era
julgada qualidade summa. Quem a possuía merecera de certo especial
carinho dos immortaes sempre estreitos e avaros de seus dons.
E' assim que a Sophocles reconheceu a patria generosa talvez, de
certo agradecida da gloria que lhe vinha d'elle, nada menos de que
103 tragedias; de Eschylo, do potente creador do *Ηρακλεις διαπορευς* e
das *Ευριπιδος*, se preteudou que poetara, quando menos, umas 72; e a
Euripides attribuiram os Alexandrinos, de mais estreita mão, 75 dra-
mas tragicos e satyricos.

Ora, por esta qualidade, em todo tempo havida por primaria, pri-
mariamente se assignala o romancista das *Historias da meia noite*.
E' assaz longa a lista dos volumes em prosa e em verso, menos em
verso do que em prosa, que seu nome firma e recommenda a justo
applauso. São de todos conhecidos em Portugal e no Brasil os *Pa-
peis avulsos*, a *Resurreição*, os *Contos fluminenses*, a *Helena*, as
Memorias posthumas de Braz Cubas, as *Historias sem data*, as *Va-
rias historias*, a *Mão e a Luca*, os *Americanos*, as *Phalenas*. Citei
tantos e ainda não citei todos. Mais de vinte volumes. Todos, os que
cito e os que por brevidade omitto, denunciam este escriptor por
amado dos deuses, e seu privilegiado familiar. Fundadissima denuncia.
Mas notar-se-ha que a denunciada prenda é testemunho irrecu-
savel de outra que todos n'esta casa acatam quanto devem. Por mais

Recente porém ou velha, sujeita ou não a morte vizinha e eterna,
é uma bella e rara qualidade, esta. Quantos espiritos dos mais bellos
e louvados lhe devem sua gloria e nosso applauso. No norte da Eu-
ropa, e no do novo mundo, principalmente, Sterne e Swift, Hoffmann
e Paulo Richter, para só falar de reis, estão na memoria e na admi-
ração de todos. E no sul dos dois grandes continentes! Ah! a temos
com mais raridade, com pouco menos lustre em alguns casos. Pois
nem sempre seus crystaes brilhantes, muitas vezes frios, se derretem
logo, como tantos outros, ao calor dos tropicos. E' vel-o em Machado
de Assis. Tem brilho e tons diversos o trasladado *humour*, tem. Mas
não vale por isso menos. Não nos faz rir á solta, ao som de caixa
batida, a bandeiras despregadas ao vento de uma alegria louca. Sem
dubida. Também nos não amargura, como se houvessemos impru-
dentemente ingerido mares de fel, nem nos punge vivamente como
buidos crises apertados duramente á carne sob a discreta mudez de
sumptuosas roupas. Mas refega-nos n'um sorriso leve os labios dis-
trahidos, e dá-nos á alma que dilata, com a noção dos ridiculos in-
separaveis do homem, como *humour* que é, a piedade que esses ridi-
culos demandam da nossa fraqueza consciente e tambem de si in-
felizmente certa. E' isso com effeito o que desperta em nós a leitura
das paginas tão finamente pensadas quanta vez e tão finamente es-
criptas de suas novellas de maior alcance, de seus contos de mais
breve tomo, que prefiro e muito áquellas, das graciosas e delicada-
mente ironicas paginas de *Um Alienista* ou de *O Segredo do Bonzo*,
por exemplo. Ironia sem cruza, sorriso que se abre de longe em

longe em riso franco, mas que nunca se escancara em gargalhada ruidosa e brutal. Ironia que de boa admoesta, sorriso que de amigo ensina. Ironia e sorriso que nascem do coração do escriptor ou por elle passam e se impregnam e perfumam d'elle. Rescendem a indulgencia e benignidade.

Sem embargo, porém, das excellencias d'estes dotes, é pelos merecimentos do terceiro que eu mais o applaudo e estreitamente estimo. Este escriptor tão brasileiro pelo conhecimento instinctivo e profundo que revela da vida, do querer, do sentir, da alma de seus conterraneos, cujos erros e virtudes, defeitos e predicados desenha, pinta, avulta com segura mão, é por uma qualidade, pela que vou dizer agora, eminentemente portuguez.

Não o conheço. Nunca me foi dado vê-lo. D'elle jámais recebi directa ou indirectamente uma palavra. Toda a noticia que d'elle tenho deriva simplesmente de seus livros. Mas é para mim indubitavel que existe em seu coração um grande affecto por esta terra, sua remota mãe e nossa mãe proxima, por esta terra cujas bellezas são

briu! — aqui se fez grande, fazendo-se pura, nobre, flexivel, doce, forte, o que é. Aqui e em nenhuma parte mais. Não ha na amplidão do mundo, longe de nós, de nossas almas e corações, do azul do nosso céu, e do fulgor do nosso sol, logar onde a donosa e a um tempo viril lingua portugueza haja ganho louçainhas e galas que não tinha. Os maiores escriptores do Brasil em todo tempo são os que menos se apartam pela lingua, embora se distingam pela indole e feições do engenho, de seus eguaes de Portugal. Não cito nomes. Fôra duvidar de mim, de vós e do que affirmo, redizer exemplos. Seja Machado de Assis o unico que cito. Não pretendo asseverar que não haja nos mais illustres escriptores brasileiros, que não haja em Machado de Assis brasileirismos. Ha. Mas brasileirismos, ha-os até em portuguezes. E usados com moderação e o tacto fino inseparavel dos escriptores que valem, podem ser e são, não raro, donaire e garbo. Castilho, na deliciosa versão que fez do *Sonho de uma noite de S. João*, usa n'um lanço, talvez em mais, mas com certeza num, e tem, ao usal-o, infida graça e não menor arrojio, de brasileirismo que



Pernambuco. — Fachada principal do Real Hospital Portuguez de Beneficencia

Este estabelecimento foi fundado em 1855, destinando-se em especial ao tratamento gratuito dos portuguezes indigentes domiciliados no Estado de Pernambuco. Actualmente pôde receber não só os seus associados como também doentes particulares para o que tem enfermarias apropriadas e pessoal devidamente habilitado. Possui as seguintes enfermarias: para senhoras — «Sanf' Anna» e «Santa Isabel». Para homens — «S. João de Deus», «Santo Antonio», «Santo Egydio», «S. Bento» e «Santo Albino». Publicando os retratos dos membros da Junta dos annos de 1907 e 1908 o «Brasil-Portugal» presta homenagem ao assignalado patriotismo dos benemeritos portuguezes que por tal forma honram o paiz.

nosso enlevo, cujas virtudes são nosso desvanecimento, cujas grandezas são nossa gloria, cujos infortunios — remova-os Deus — são nossa dôr. Por força. Desejava inquirir os que o conhecem. De certo confirmariam, com sua noção directa, o que meu espirito presente com clareza tal que reputa vê-lo. Para que haja em sua penna tanto e tão intencional respeito pela lingua portugueza, pelo genio que a assignala, pelas tradições que a ennobrecem, pelo que constitue o mais vivo de seu ser, é mister que haja em seu coração bem intenso amor á patria portugueza. A penna accusa simplesmente o que recata o coração. Machado de Assis quer á lingua portugueza com affecto intenso. Não sei se este affecto elle o confessou alguma vez. Sei que praticamente o affirmo nos seus livros, quasi em cada pagina.

Sou dos muitos, ou dos poucos, que presumem que nossa lingua só se fala em geral e escreve bem aqui, aqui, n'este encantador recanto em que nasceu, e que Deus compensou com as grandes glorias que lhe deu, e das quaes não é ella a minima por certo, da material pequenez de que o quiz. Aqui medrou, aqui bracejou ramagens, copou, se cobriu de flôres e de fructos — e de que flôres e fructos se co-

me seguram trivial na bocca das senhoras brasileiras falando, com adoravel pieguice, de seus filhos pequeninos. Mas em todos, taes desmandos e como que intencionaes esquecimentos da norma, da lei, da tradição são apenas de palavra, ainda quando a acção d'ella a mais se estende, como no gracioso caso a que alludi.

Ha d'estes, repito, e algum haverá dos outros em Machado de Assis. Mas a sua absoluta ausencia em certas paginas, nas do já citado *Segredo do Bonzo*, por exemplo, onde sua existencia fôra incompativel com o proposito engenhoso do escriptor, affiança que só os commetteria, quando não é por inevitavel lapso de sua penna experiente e certa, por indeclinavel necessidade. No encantador capitulo a que alludo e que attribue a Fernão Mendes Pinto ha um: pomada e pomadista. Mas o escriptor explica a brasileira e ingrata neologia n'uma nota. Era necessaria.

Este resultado, que não lograram outros, sob outros aspectos, singularmente dotados escriptores, alguns até que mais directo e duradouro tracto tiveram com a terra portugueza, revela no coração d'este escriptor um sentimento que não pode ser indifferente a nosso

coração, em seu espirito predicados — flexibilidade, poder de adaptação — que não devem ser indiferentes a nosso espirito.

E' nestas condições e prendas, tão evidentes em Machado de Assis que se não faz mister para encontrar-lhas penetrante ou demorado exame, que fundo meu parecer favoravel á sua candidatura a socio correspondente da Academia, mais de uma vez trazida á minha reflexão por alguém que é para mim amigo tão querido quanto para todos é escriptor illustre. Não requer a lei academica estudo seguido e demorado de todas as varias expressões do ingenho do escriptor proposto á honra que pela rareza tem de reputar-se insigne. Deve bastar, para admissão justissima, a existencia em grau subido de predicado de valia.

Em Machado de Assis não acho um, encontro tres. A fecundidade que importa, entre outras, a faculdade de trabalho e o vivo amor da arte; o humour, um humour fino, abundoso, penetrante, que seu coração faz quasi sempre bom, raras vezes aspero, nunca azedo, ou crú; por ultimo esta grande e séria prenda de um fino amor á senhoril, á altiva, á amorosissima lingua portugueza, traduzido em respeito, affirmado em culto que o faz credor do nosso affecto e applauso.

A Academia honrando, pois, com o diploma que solicito de socio correspondente, um escriptor a todos os respeitos estimavel e a muitos certamente insigne, honra ao mesmo tempo o Brasil de que elle é gloria indiscutivel e Portugal de cuja lingua e espirito é tão serio cultor e amator tão fino.

7 de junho de 1901.

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO.

* Era isto exactissima verdade na occasião em que foi redigido este parecer. Hoje não é bem assim. — S. M

O terramoto de 1755 descripto por uma festemunha

O sr. dr. Luiz da Cunha Gonçalves encontrou ha tempo na bibliotheca de Evora a descripção que abaixo transcrevemos do terramoto de 1755, feita por um frade a um parente ou amigo residente na India.

Não obstante não estar completa, constitue um curioso documento para juntar a muitos outros, do mesmo genero, que temos colleccionado nas paginas d'esta Revista.

Eis a referida carta:

«Meu irmão do C.— Em outubro tive o gosto de ver muitas cartas vossas e de ler huma, que era para o Rodrigo; nella vi que lograveis saude, com que muito me alegrei: permita o Senhor conservo-la na sua graça e livrar-vos dos trabalhos em que nos vemos.

Eu não passei bem o anno de 55, de modo que nem pude ver algumas das cartas que recebi vossas, mas sempre melhor do que mereço a Deus. Dos mais direi em seus lugares. Lá vos chegaria primeiro que esta carta a noticia da nossa infelicidade; no primeiro de novembro, pelas nove horas e tres quartos, começou a tremer a terra; levantei-me da cadeira em que me estava fazendo a barba e fui para uma janella da rua; estando n'ella, continuou a tremer com grande violencia, por tempo que dizem fôra mais de minuto; quando parecia que acabava, fez a terra hum módo tão forte, como até agora não tinha feito; e nestes termos foi o maior perigo que jámais houve: eu logo me dei por morto, e cuidei em ver se podia aproveitar de aquelle instante: foi maior o meu conhecimento, porque vi o de Távira, que foi hum só abano; nesta ocasião foram mais de 50 e mais violentos, a que não podia resistir cousa alguma; naturalmente ao segundo ou terceiro abano começaram de cahir os edificios: o primeiro foi a casa do meu vizinho e amigo Antonio Frz, depois as dos mais; então fui dentro buscar o meu crucifixo, que a minha creada já tinha tirado; tanto que a poeira do lugar, sahi a ver se alguém era vivo na casa do meu amigo e achei todos sem lesão: fiz que sahissesem, para nos retirarmos, o que fizeram; mas como lhe ficava a casa com 20 mil cruzados em dinheiro e quinze em movel e fazendas, não o pude tirar de ahí. Nas casas dos vizinhos esperava muitas mortes, mas erão poucas para o estrago. Enquanto me detive metido na portada de hum sapateiro da grande parede do Espirito Santo, de que não sei se tendes lembrança, não se perdeu o tempo, porque ajudei a tirar alguns, confessei e exortei outros e debaixo de condição absolvi outros que agonizavão; estando neste exercicio e persuadindo Antonio Frz para que nos tirassemos de tanto perigo, pois nenhuma das paredes resistia a qualquer leve repetição, me chamou hum homem para que lhe batizasse uma filha; não o pude pressuadir a que o fizesse ele ou qualquer outra pessoa: fui com o homem e me fez entrar por minha casa, para ver os efeitos da Divina pieda-



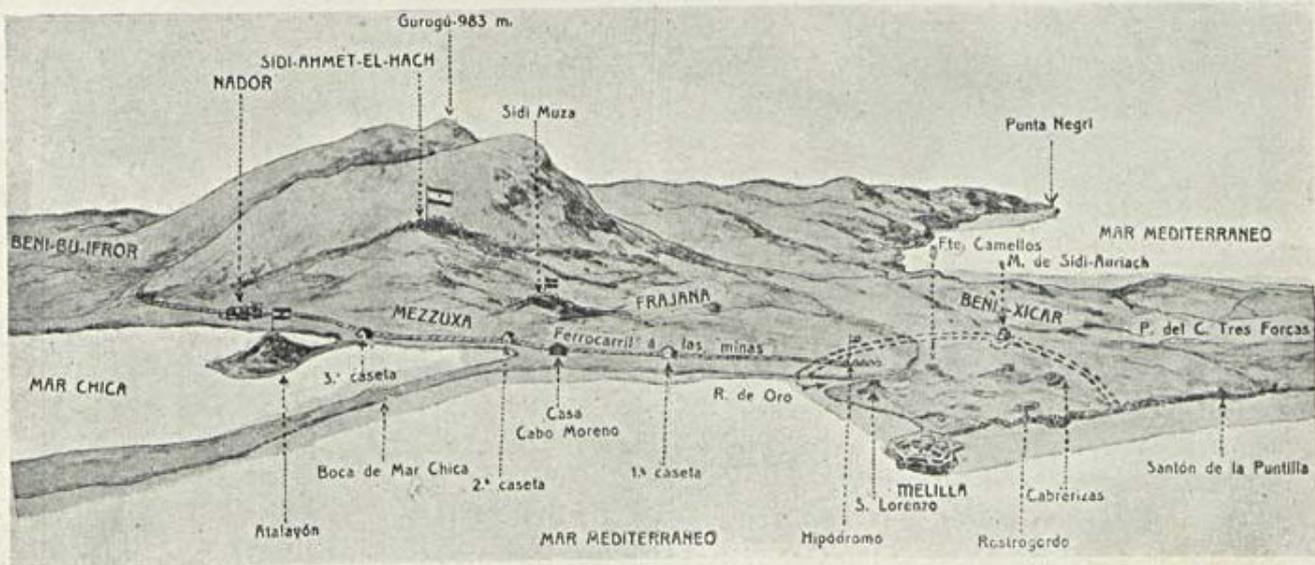
Pernambuco. — Uma das salas do Real Hospital Portuguez de Beneficencia

A junta dos annos de 1907 e 1908: — Commendador Luiz Duprat, provedor, commendador Bento Luiz de Aguiar, vice-provedor, Antonio Joaquim Barbosa Vianna, 1.º secretario e Joaquim Fernandes do Monte, esmoler.

de; a minha casa tinha uma face para hum bécio sem sahida; da loja hia uma escada para a estrevaria, cuja porta era no bécio; por ela se salvarão mais de 200 pessoas; e passei eu a batizar a menina. Perto do meio dia repetia e continuou a ruina aos nossos olhos; e nem com isto podia vencer Antonio Frz. Os fogos que logo se atearão em varias partes, vinhão já para perto, com que o resolvi depois das tres oras a que sahissesem da nossa Patria. Parti sem bolsa, sem coisa, sem lenço e sem chapéu; o vestido interior e hum roupão foi o que Deus quiz me restasse; com grandes sustos e trabalhos chegámos ao Rocio, aonde estava immenso povo e muito amigos e conhecidos; huns feridos, outros nus, todos mal compostos; já S. Domingos tinha ardido e o maior incendio era no hospital. Nove familias erão as da minha comitiva; com elas não pudemos deitar mais que á Cotovia, a donde vimos arder as ruinas que tinha feito o terremoto, com hum cabedal que não tem avaliação; abrazaram-se vivas muitas gentes, que se não puderam retirar e muitas que ainda conservavão alentos entre os entulhos em que estavam. Este horror de aquelle dia não he para quem o lê; o cuidado dos meus irmãos me affligia; sube que para o nosso bairro não erão tantas as ruinas, com que entendi que Rodrigo estaria salvo. Mandar a Santa Clara me era impossivel, porque se tinha perdido a forma da cidade; só com huma roda muito dilatada, mas não havia por quem mandar. Finalmente ao Domingo partimos da Cotovia; vi as estradas cheias de gente que deixava a nossa Patria; lagrimas, bofetadas, arrancar cabelos, filhos buscavão ou choravão paes; paes buscavão filhos. Era hum espectáculo bem horrivel. As mais delicadas donzelas e matronas sujas, feridas, com os vestidos rasgados e meias nuas; nenhuma cousa disse o profeta da sua Jerusalem que eu não visse na nossa Patria. Eu chorava com os mais. . . Cheguei a Bucellas na terça feira; vi que se tinhão quebrado os rochedos do Trancão (?) e na estrada me derão a triste noticia da morte da nossa Thereza, que ficou no côro de baixo com mais 52 Freiras a 80 criadas e seculares; nenhum convento teve tanta morte; tambem o Calvario na sua proporção, porque a ambos cairão os côros e as Igrejas. Só as Freiras Grillas licarão nos conventos; as outras por ahí andam. O que tem havido não é contavel, nem crível. Se eu fora historiador deste tempo passaria muito depressa por este successo, por me livrar da censura de mentiroso de aqui a cem annos; acabo, porque isto não tem fim. Em Lisboa se queimou da Forca até á Boa-Vista; para dentro até S. Domingos, Loyos, Castello, rua larga de S. Roque, rua da Atalaya, etc. De Santarém até Cascaes, tudo está no chão; reduzidas a nada Castanheira, Villa Franca, Alhandra, etc. A voragem maior de Lisboa engolio o caes da pedra, que era cousa muito maior do que vós conhecesteis; outra grande

No Imperio de Marrocos

A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff



O theatro da guerra

deitou carvão, aréas, pedras, terras de varias côres. Peniche padeceu mais com a agua que entrou, que com o terremoto. Setubal do mesmo modo; todo o Alentejo tem muito dano; o Algarve mais que doutra vez, de que nós fomos testemunhas. As nossas provincias do norte não teem dano de consideração. Toda a Espanha teve horrores. Na Africa, Argel, etc., como Lisboa; teve susto parte da França. A Inglaterra e Olanda, com o setentrão, só se admiraram de ver naquelle dia e nos seguintes correrem irados os mares. Mais de dois mezes durou este desconcerto dos mares e continuou a tremer a terra; os poucos moradores de Lisboa estão por barracas de madeira nos campos mais vizinhos. Os furtos começarão no instante em que parou; os outros pecados logo depois.....

Em todo o caso, como o *statu-quo* representava a continuação do regimen absoluto, e como este regimen na capital era sustentado pela unica força regular e disciplinada, que existia — os cossacos do coronel Liakhov — nada fazia prevér que a queda do Shah estivesse tão proxima. Pelo contrario. Alguns dias apenas antes da catastrophe final ainda o correspondente especial em Teheran do *Novoe Vremia* mandava para este acreditado jornal de S. Petersburgo uma carta, em que se pintava com as mais negras côres a situação dos nacionalistas e se prophetisava a victoria final de Mohammed-Ali.

De repente, porém, tudo muda. A defesa do Shah fraqueja, os revolucionarios cobram animo, marcham sobre a capital e, antes mesmo que a tivessem tomado, Mohammed-Ali refugia-se na legação russa e d'ahi abdica, sendo em seguida proclamado seu successor o

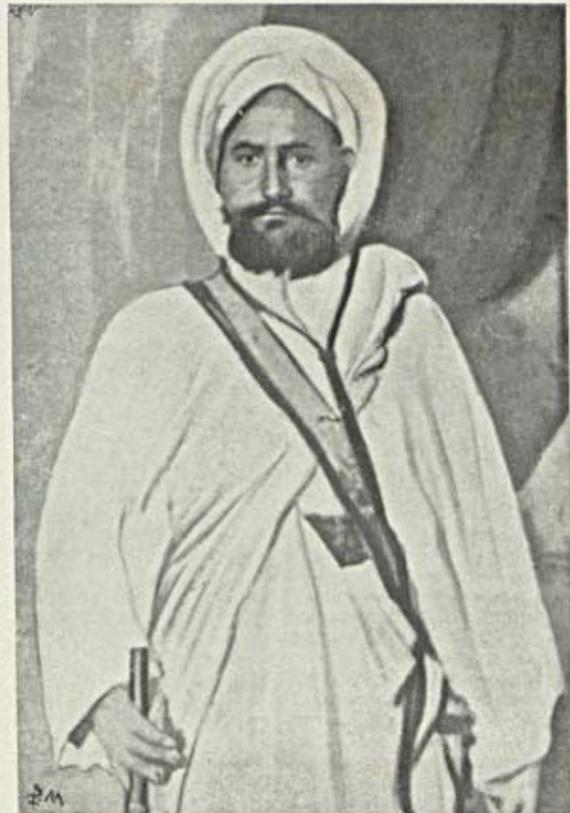
Politica internacional

Três importantes acontecimentos preenchem a anterior quinzena na politica internacional: o triumpho dos nacionalistas na Persia e a consequente abdicção do Shah; a queda do governo francez presidido por Clemenceau; e os desastres da Hespanha em Melilla, acompanhados pelo movimento revolucionario de Barcelona. Qualquer d'estes tres acontecimentos merece que d'elle nos occupemos, porque de uma maneira ou de outra podem ter importante repercussão na politica geral europeia.

Comecemos pelo que se passa na Persia.

Depois das variadas vicissitudes por que passou a lucta diante de Tabriz, parecia pelas ultimas noticias que mal ia para a causa da liberdade na Persia. Se era certo que as tropas de Mohammed-Ali nunca tinham podido penetrar na cidade revoltada, não era menos evidente a impotencia dos defensores de Tabriz, que se limitavam a repellar os ataques do exercito real, sem contudo lhe poderem infligir um serio revez. Pelo contrario, o cerco ia apertando-se, os viveres iam escasseando, a ponto de a Russia, para evitar uma pavorosa catastrophe, ter de forçar o bloqueio impondo ao Shah o abas-tecimento da cidade, que estava litteralmente morrendo de fome.

Não ha duvida, que outras cidades, como Recht e Ispahan, tinham seguido o exemplo de Tabriz, mas os movimentos revolucionarios, que n'ellas se haviam produzido, não tinham entre si a mais pequena connexão, de modo que devido ás grandes distancias que separavam essas cidades umas das outras e á absoluta carencia de vias regulares de communicação entre ellas, taes movimentos isolados não podiam encontrar meio de se juntarem n'um esforço commum de emancipação. Era o que ia salvando o Shah, o qual, fiado na continuação de semelhante estado de cousas, persistia em não fazer caso dos conselhos e até das imposições dos governos russo e inglez, para que finalmente elle se decidisse a outorgar a constituição, unico remedio para acabar com a anarchia, que cada vez mais ameaçadora lavrava por todo o imperio.



A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff
El Chaláy, um dos chefes riffen'os



A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff. — Vista geral do acampamento hespanho, vendo-se ao longe Melilla

filho mais novo d'elle, uma creança de nove annos, que é quem vae presidir á inauguração do regimen constitucional na Persia.

Por agora está a revolução triumphante; prepararam-se as eleições por uma nova lei, que acaba de ser decretada; e dentro em pouco reunir-se-ha outra vez a *Mejliss*, que oxalá dê do seu senso pratico melhores provas do que a sua predecessora.

Evidentemente o triumpho do constitucionalismo na Persia é a consequencia immediata da victoria dos jovens-turcos em Constantinopola. Não sómente elles exerceram poderosa influencia moral sobre os destinos da revolução persa, mas auxiliaram-na materialmente por todas as fórmas. Nem isso era de extranhar. O interesse em Constantinopola e em Teheran era identico e de admirar seria, que os reformadores em ambas as cidades não se dêssem as mãos para mutuamente se auxiliarem. Assim, com instituições politicas identicas, a Turquia e a Persia formam um blóco contra quaesquer tentativas de reacção, que n'um e n'outro paiz decerto não hão de faltar.

Qual será a influencia da implantação de um regimen constitucional em Teheran sobre o accordo anglo-russo? Não é facil prevel-o, tantas podem ser as vicissitudes por que terá de passar o novo regimen. Em todo o caso, se elle conseguisse regenerar a Persia, é evidente que uma parte dos fins, para que o referido accordo se negociou, ficaria sem razão de ser. Por outras palavras: o accordo anglo-russo foi unica e exclusivamente feito para a hypothese da dissolução do imperio persa, que por meio das chamadas «esferas de influencia» ficaria de facto dividido entre a Inglaterra e a Russia. Se pelo advento do regimen constitucional o imperio do Shah se regenera, a hypothese da divisão fica indefinidamente adiada. Acontecerá então aos herdeiros presumptivos da Persia o que, segundo todas as probabilidades, vae acontecer aos herdeiros da Turquia, que já estavam dividindo a pelle do urso com o animal ainda vivo.

A queda do governo francez presidido por Clemenceau constituiu uma surpresa para todos, até para os que foram d'ella auctores. Tantas vezes com a sua audacia o presidente do conselho tinha triumphado das colligações para o derrubarem, que ia passando já por invencivel, augurando-lhe os mais conhecedores dos segredos da politica um fim como o de Waldeck-Rousseau, que sahíu do poder quando muito bem quiz. Pelo menos acreditavam que elle presidiria ás novas eleições.

Inopinadamente, porém, uma discussão sem alcance politico quasi, em que o proprio presidente do conselho não era visado, por isso que se tratava de uma simples questão de marinha, levantou tal tempestade que Clemenceau, perdendo a cabeça com as investidas de Delcassé, dirigiu-se a este por

fórma tão inconveniente, que n'um momento poz contra si a maioria da camara.

Mas porque votou a camara contra Clemenceau, pondo-se d'esta fórma ao lado de Delcassé, que ainda não ha muito tempo, a um simples aceno da Allemanha, ella tão desastrosamente tinha abandonado? Por este mesmo motivo, enquanto a nós. Os deputados francezes ainda não teem coragem de reintegrar no seu logar de ministro dos negocios estrangeiros o homem, que tão bem serviu os interesses da França, mas não perdem a occasião de lhe testemunhar o seu apreço, com uma especie de sentimento de remorso pelo que lhe fizeram. Sobretudo não consentem que o accusem de ter mal servido os interesses da patria, elle que tanto trabalhou pela sua grandeza.

O sr. Clemenceau desconheceu este estado de espirito da camara e por isso commetteu a inhabilidade de cahir a fundo sobre o homem que começa a ser o idolo dos chauvinistas francezes. Pagou a sua imprudencia, recebendo d'ella immediatamente o castigo.

Para formar o novo governo foi chamado o sr. Briand, antigo companheiro de Clemenceau, que tanto em evidencia se poz na maneira como applicou a lei da separação.

A declaração ministerial do novo governo e o discurso, com que o novo presidente do conselho a acompanhou, são muito habeis e ganharam desde logo as sympathias da camara para o gabinete.

Póde dizer-se que mesmo pelos adversarios elle foi recebido com uma benevola expectativa, e não ha duvida que o temperamento mais malleavel do novo presidente do conselho lhe ha de evitar certas difficuldades, com que tropeçou o sr. Clemenceau por causa do seu feito auctoritario e impulsivo.

A difficuldade do governo provém da sua propria situação.

O ministerio é, pode dizer-se, um ministerio socialista, pela feição dos tres membros mais importantes, que o compõem: o sr.



A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff
O batalhão de caçadores de Madrid fazendo fogo contra os mouros



A guerra entre a Hespanha e as tribus do Rif - *Em marcha para reforçar as avançadas hespanholas*

Briand, o sr. Viviani e o sr. Millerand. Ora, que effeito produzirá nas massas puramente republicanas, para não fallar nas outras, um gabinete d'esta feição? E como procederão os socialistas unificados do matiz Guesde com os seus correligionarios no poder, elles que tanto atacaram o sr. Millerand, quando este pela primeira vez foi ministro com Waldeck-Rousseau? E como procederá o sr. Jaurés? E qual será a attitudo da Confederação Geral do Trabalho?

Tudo isto são pontos de interrogação, que desde já começam a inquietar os amigos do novo presidente do conselho.

Pela primeira vez na Europa é investido no elevado cargo de presidente do conselho de ministros um socialista, sem renegar as suas ideias e declarando que as vae pôr em pratica. A experiencia é curiosa e cheia de ensinamentos, não ha duvida.

Quando tudo em Hespanha parecia tranquillo e sosegado, quando nem na politica interna nem na externa da nação vizinha se divisava a mais leve sombra, eis que de repente surge uma crise temerosa de terribes consequencias desde já para o presente, e de sinistros presagios para o futuro.

Foi a aggressão inesperada dos mouros do Rif á praça de Melilla, que deu origem aos serios acontecimentos que a imprensa periodica mais ou menos tem relatado, embora estejamos muito longe, devido á censura, de possuir toda a verdade a respeito do acontecido. Não se sabe tudo o que se passou nem em Melilla nem em Barcelona, mas o que se conhece é bastante para se avaliar a gravidade do succedido.

Em Africa, e não obstante a coragem heroica dos soldados hespanhoes, é indubitavel que a Hespanha soffreu um grave revez. Prova-o o numero de mortos e feridos que os hespanhoes tiveram, sobretudo a impossibilidade em que teem estado de tomar a offensiva, o que representa notavel inferioridade com relação aos mouros. Não ha duvida que com novos reforços os hespanhoes hão de acabar por vencer. Mas a perda de vidas e a colossal despeza com a guerra serão compensadas por quaesquer vantagens que a Hespanha possa alcançar no Rif? Não nos parece.

Emquanto ao acontecido em Barcelona, onde uma verdadeira revolução teve de ser dominada a ferro e a fogo, ainda a sua importancia para a Hespanha é maior. Dado o estado de espirito d'aquella porção da península e os seus sonhos separatistas, tudo o que contribua para augmentar o antagonismo entre a Hespanha e a Catalunha, só póde ter tristes consequencias para a tranquillidade da nação vizinha, que necessita de muito tacto para resolver o problema catalão.

CONSIGLIERI PEDROSO.

O marquez de Pombal e a sua epoca

(Continuação)

II

Estamos chegados á phase critica d'essa lucta derradeira, em que Pombal, finalmente vencido, deixou com vida retalhos palpitantes do seu intimo ser, dilacerado pelas angustias

maiores a que um homem, como elle habituado ao triumpho, poderia ser votado. O celebre pleito, contra elle movido por Galhardo Mendanha, transformou a situação, até ahí comportavel, em que o velho estadista se encontrava, no desfavor da côrte, é verdade, mas a affrontar os ataques com a segurança de si, e um resto de prestigio, que tantos annos de incontestada auctoridade lhe prestavam ainda.

Este processo, já de si escandaloso pelos motivos, que o promotor d'elle invocava, mais o ia ser pelo character que a defesa assumiu. Illudido por interessadas suggestões, segundo pretendia, Mendanha



A guerra entre a Hespanha e as tribus do Rif
O general Marina commandante em chefe do exercito d'operações contra os mouros

tinha comprado ao ditador certas propriedades. Feita melhor averiguação sentiu-se lesado, e recusou o pagamento, de que já dera por conta uma parte. Enfurecido, Pombal fez-lhe cahir em cima a tempestade da sua ira. Mendanha, preso por ordem d'elle, andou de cadeia em cadeia até parar em um forte da ilha Terceira. Os tribunales declararam-no infame de proceder e indigno chefe de familia. Tiram-lhe a administração dos bens e o patrio poder. Duas filhas, que tinha, foram mettidas em clausura; a um rapaz, menor, deu-se tutor. Na hora da liberdade sahio a victima da prisão clamando pela desforra: queria a venda fraudulosa annullada, punido o tyranno prevaricador. Taes brados, engrossando o côro dos geraes clamores, não faltou quem os attendesse e animasse. A questão, posta em juizo, promettia estrepito, e mais estrepitosa foi pelo impeto da defesa.

Com os aggravos pessoais, proprios, introduziu Mendanha no libello os aggravos da nação. Pela auctoridade do seu cargo é que Pombal o tinha podido lesar e opprimir; portanto, o que no processo ia debater-se não era o caso particular de Mendanha, mas a causa de um povo inteiro, vinte e sete annos sujeito ás inclemencias de um tyranno sem freio.

O desterrado abençoou a occasião, como a mais opportuna à pu-

blica justificação de seus actos, e entrou a redigir com afan a defesa. Passando em revista a sua administração, desde que fôra chamado pela primeira vez à presença de D. José, ia pondo e.a relevo os mais salientes actos d'ella. O que exprimira em synthese na *Memoria secretissima* da inauguração da estatua, diluía agora na sua prosa difusa, individuando factos, esmiuçando particularidades, contando a tormentosa historia das suas luctas; e, attento a exaltar a sua obra, não o foi menos em despedir golpes aos adversarios, aguçadas frechas aos que o aggreddiam, ultima punhada no rosto aos que na terra dormiam já, ou deslumbrados da luz viva assomavam das prisões.

Expurgado o primitivo borrão dos trechos julgados, pelo patrono da causa, inconvenientes à defesa, Carvalho mandou tirar sete copias, porventura no intuito de, por este começo de publicidade, palpar o sentimento geral e verficar se valeria a pena dar-lhe mais importancia por meio do prelo.

Alguns tinham por imprudencia permittir-se o processo que, infamando o ministro, affectava o prestigio do cargo. «E' zelo pharisaico — exclamava Pombal — para que não appareça a contestação!» E recommendava se puzessem escreventes a *trabalhar de dia e de*

A guerra entre a Hespanha e as tribus do Riff

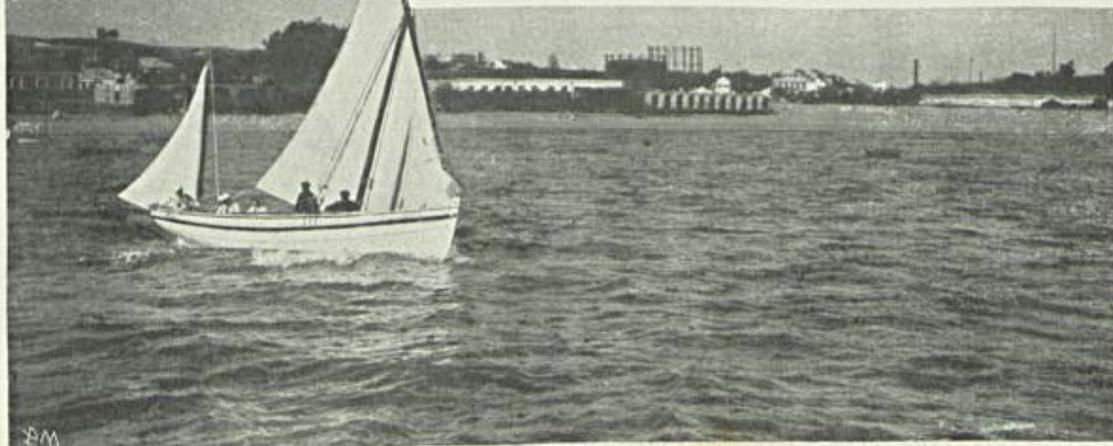
Alguns dos officiaes mortos nos ultimos combates



1. Capitão Navarro. — 2. Capitão D. Alberto Morris, ajudante do general Marina. — 3. Tenente-coronel D. Frederico Julio Ceballos. — 4. Capitão d'artilharia D. Alfredo Roger. — 5. Primeiro tenente D. Francisco Roca Llobet. — 6. Commandante D. Eduardo Lopez Nuño. — 7. Tenente-coronel D. José Ibañez Marin. — 8. Coronel D. Venancio Alvarez Cabrera. — 9. Commandante d'artilharia D. José Royo Diego. — 10. Capitão d'artilharia D. Enrique Guilloche Bonet. — 11. Tenente-coronel D. José Ortega Lores. — 12. Tenente Salvador.

Notas de "sport"

Corridas de canôas monotypos do Real Gymnasio Club



O jury. — A canôa «Emilia» do sr. Bernardino Ferreira dos Santos, a qual chegou primeiro
(Clichés de J. Bonollo.)

noite nas copias. ¹ A vingança de Mendanha devia, na intenção de Pombal, converter-se em glorificação sua.

De mão em mão correram as copias, lidas com avidez, e com acrimonia commentadas. O escandalo foi enorme, e tal que o governo, e mesmo a rainha, quizeram ter conhecimento dos papeis. Carvalho exultava com isso. «Não me pesa que os autos da minha contrariedade fossem mandados ao paço... porque sempre servirão para que aquelles que os lerem fiquem com as suas consciencias oneradas, e vejam que eu não devia ser tratado com tantas barbaridades». ² Aquelles que os lerem, quem? Evidentemente a rainha. Aos ministros, pessoas secundarias, e que Pombal teria por taes, de certo se não referia.

Avivando a ebulição começavam a circular as celebres *Cartas inglezas*, ³ que na occasião todos attribuiram a Pombal. Leibzeltern, informador minucioso, como sabemos, e reflectindo sempre a opinião ambiente, notava a exactidão das coisas referidas, o que o levava a dizer: «Se não foi o marquez o auctor, ninguém podia, a não ser elle, dar o material d'essas cartas. Tenha-se em lembrança que, no governo passado, foram sempre impenetraveis os segredos do gabinete, e que o marquez de Pombal a ninguém confiava a direcção dos negocios de alguma importancia.» ⁴ Carvalho jaetancioso, dava a entender serem ellas obra dos homens eminentes do partido *whig*, com quem estivera em relações: Shelborn, Cambden e o grande Pitt. Afinal o auctor era certo familiar do duque de Manchester, de nome Blankett que, no tempo em que Pombal pretendia o auxilio effectivo da Inglaterra, nas desavenças com a Hespanha, fôra intermediario do embaixador portuguez para com o duque. Os apontamentos, dados para elucidar os oradores favoraveis ás pretensões de Carvalho, deviam ser d'elle mesmo; e agora Blankett, reconhecido, utilizava-se d'elles, para vindicar ante seus compatriotas a reputação de quem lhe tinha aproveitado os meritos, e certamente estipendiado. O fim d'elle, dizia na carta ao seu patrono proscripto, era «provar ao mundo que este seculo produziu um ministro igual aos maiores de quem fala a historia» ⁵.

Recebendo a offerenda do folheto, Carvalho que nos annos passados em Londres não lograra aprender a lingua do paiz, recorreu, para lh'o traduzir, á irmã de Guilherme Stephens, seu protegido, dono da fabrica da Marinha Grande. A esta senhora dizia depois desvanecido, alludindo ao conhecimento, que as cartas revelavam das coisas portuguezas, e aos louvores que em razão d'isso lhe prestavam: «Cessou a minha admiração, reflectindo no claro entendi-

mento que tenho, ha muitos annos, do espirito de justiça e de generosidade da illuminada nação ingleza, entre a qual passei, com muito gosto e aproveitamento de instrucção, os annos do meu ministerio na corte de Londres.» ⁶

A vista das cartas suggeriu-lhe a idéa de as corrigir e completar com a resenha dos acontecimentos e negociações referentes ás ultimas dissensões com a Hespanha, e algumas considerações sobre a conveniencia que vinha á Inglaterra de manter intacta a alliança com Portugal. O abandono, que o gabinete britannico fazia d'esta, levava os chefes da opposição parlamentar a compôr taes cartas, que não eram de Blankett, dizia, nem do duque de Manchester, porém



D. Maria Anna da Camara de Saldanha
(† a 18 de julho de 1909)



Consiglieri Pedroso

Presidente da Sociedade de Geographia de Lisboa

Professor e director do Curso Superior de Letras, conferente e publicista dos mais notáveis, polyglotta, collaborador permanente do Brasil-Portugal, Consiglieri Pedroso, eleito ha poucos dias presidente da Sociedade de Geographia, é uma figura de alto relevo na intellectualidade portugueza.

dos tres proceres, citados atraz. Em seguida, para expungir de toda a apparencia de vaidade estas notas, destinadas sem duvida a divulgar-se com as Cartas, affirma, com ar de convicção, que a ninguem illudiria, que os elogios á sua pessoa, as apologias em sua defesa, não tinham sido o fito do opusculo na Inglaterra, mas sim o intento politico de abalar o credito do gabinete no poder, pela demonstração dos seus erros. 7

A modestia, affectada n'estes assertos, correspondia effectivamente a natural satisfação do homem em todo tempo sensível ao incenso dos louvores, e com dupla razão no momento em que todos os seus actos, os mais defensaveis, os mais dignos de apreço, lhe attrahiam censuras, e se capitulavam de crimes. Não é licito duvidar do sentimento de vaidade, assaz justo, com que Pombal, ao despreço da sua rainha, dos seus compatriotas, oppunha a exaltação, que da obra por elle realizada os estrangeiros faziam. Essa satisfação, contudo, pagou-a por duro preço. Accusaram-no logo de publicar segredos de estado, na unanime convicção de ser elle o auctor das cartas, figuradamente escriptas de Lisboa. E observaram que no tempo do seu governo taes delictos não passaram nunca sem castigo. D'este modo se lhe aggravou immenso a situação. Na corte julgou-se desafio a soberba attitude do desterrado. Entre tantos desaffectedos, o ministro do reino e da justiça, que lhe succedera nos principaes cargos, era o visconde de Villa Nova de Cerveira, filho d'aquelle que fôra sua victima, e succumbira num carcere em S. João da Foz. A circumstancia influiria certamente na decisão posterior. Vindo ao Desembargo do Paço o processo de Mendanha, o tribunal, escandalizado com o libello e com a defesa, mandou supprimir dos autos essas partes, e destruir as copias todas. Os advogados foram punidos com a prisão e, entre as nevoas do palavriado forense, apparece uma vaga insinuação de mais efficazes procedimentos contra Pombal. Este ao ler a notificação do alto tribunal, desdenhosamente lhe chama *parto de montanha, opprobrio de si mesmo*, 8 para em breve experimentar quantas e quaes grandes mortificações para elle se continham naquella ameaça, primeiramente julgada vã.

III

Cerca de um mez depois, a 9 de outubro, pelas tres horas da tarde, apearam-se á porta do solar, em Pombal, uns cavalleiros. Eram os juizes Luiz da França e Bruno Monteiro, nomeados para a instrução do processo, a que o governo finalmente resolvera submeter o ministro exilado. Informados de que elle, doente, dormia então, insistiram em lhe falar immediatamente, na execução de ordens régias, ao que foi preciso obtemperar; e, introduzidos no quarto, presente a marquez, leram no enfermo o decreto relativo ás funcções, que iam alli exercer. O marquez «ouviu tudo com a tranquillidade do seu grande espirito», refere aquella em carta ao conde de Oeiras. 9 Em seguida vestiu-se, e amparado em dois creados passou á sala, onde os juizes o aguardavam. Ficou a distancia em signal de respeito, e como elles, por deferencia, o chamassem para mais junto, declarou theatralmente que em tal caso sentar-se-ia no chão, para assim manifestar a sua veneração á soberana, representada alli pelos magistrados.

Minutos antes, haviam elles tentado acalmar, com palavras de fingida benevolencia, a natural inquietação da marquez. Luiz da França dizia-se grande amigo de Pombal, e muito seu obrigado. Elle e o seu collega tudo

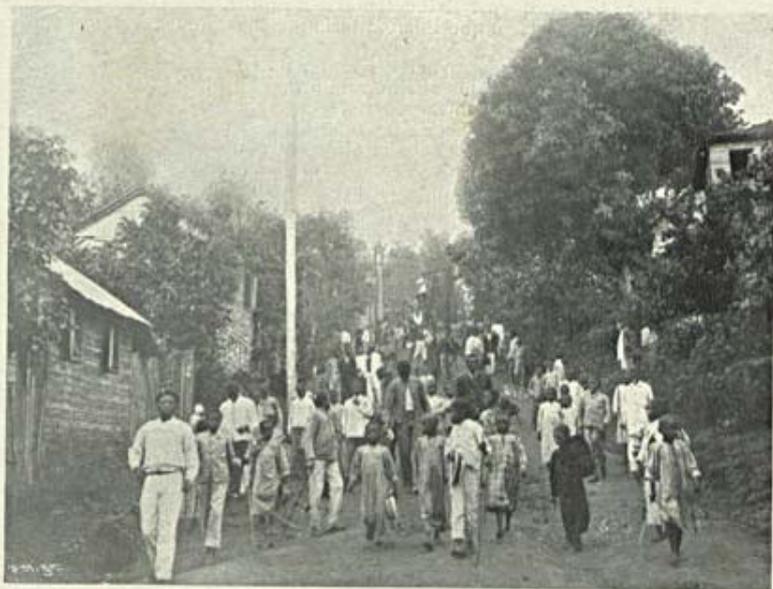
o que fossem attenções lhe haviam de conceder. E com ar de grosseira protecção, infringindo-lhe o receio de coisas tétricas possiveis, accrescentava: «Podem dar graças a Deus por sermos nós, e não outros, que vimos cá!»

Confiante ainda, a triste fidalga esperou, com anciedade, a cada momento mais viva, o termo da demorada conferencia. Duas horas e meia durou este primeiro interrogatorio. D'elle viu sair o marido no abatimento mais profundo. O grande espirito, de que o dizia animado, só ella, com seus olhos que lagrimas constantes annuveavam, podia vel-o agora, fascinada ainda pelo *quid*, que em Vienna, seis lustros antes, fizera render-se ao galan de quarenta e seis annos a joven condessa Daun. O animo de Carvalho abatera no dia em que se lhe fecharam as portas á ambição. Não ha sombra de grandeza nesse homem que, dos annos sobrevividos á queda vingadora, metade passou-os em lamentações e doestos, no exaspero da sua impotente colera; metade, de rojo, em humilhantes supplicas, por temor dos castigos, de que tão prodigo fôra com seus contrarios. Se um momento se ergueu, fazendo rosto á investida, na resposta a Mendanha, breve teve de submeter-se, e a si proprio se renegou, nas tristes confissões que os implacaveis juizes com malevolo gosto recolhiam.

A custo habitará alma magnanima em corpo a desfazer-se em cruel e repugnante enfermidade. Nesse caso se achava então Pombal. As forças physicas esvaíam-se-lhe com atrozes dôres em diarrheas, em fluxos hemorrroidarios, no esvurmar de obstinada furunculose. Prurido intenso fazia-lhe velar as noites em constante inquietação. Para lhe abrandar o martyrio, dois creados, á beira da cama, a toda a hora, coçavam-lhe as pustulas. *Sarna Castelhana*, denominavam os clinicos a doença. Tratavam-na com caldos de vibora, que se deviam adubar com *uma cebola branca, um cravo, uma pitada de canella*, cozinha medica affim da feitiçaria medieval. Já se tinha applicado o remedio ao rei D. Pedro II. Era a lepra, e o seu sequito de dôres, hedionda e crudelissima.

Neste lamentavel estado o encontraram os dois magistrados, que, como juiz e escrivão, o vinham interrogar sobre as indiscreções e culpas de lesa-magestade na resposta a Mendanha, e os actos irregulares e despoticos da sua administração. Prolongaram-se os interrogatorios até janeiro, com interrupções, motivadas pela doença. Dia a dia, ao enfermo, com as forças physicas se lhe abatia a moral. Levado, como da primeira vez, a braços pelos creados, á sala onde as audiencias se realisavam, alli «o severo juiz commissario, Luiz da França», — assim designa ao filho aquelle que na tortura moral das perguntas o attribulava; tristes palavras, que ao mais prevenido desaffecto inspirariam dô! — alli fazia tremer o duro vingador perante quem tantos outros haviam tremido. Naquellas horas de angustia, repetidas muitas vezes, nem um assomo de coragem, para affirmar os seus rancores, nem a lucidez antiga, com que poderia, como politico, justificar as suas violencias. Esmorecido, com horror de si proprio, até não ousa vêr o filho, a quem escrevia, depois de lhe relatar os tormentos do interrogatorio: «Sendo este o meu presente estado, te ordeno positivamente, com autoridade de pae e com affecto de amigo, que de nenhum modo consintas no pensamento de pedir licença para me vir assistir... Tenho por desveladas enfermidades tua mãe, e duas filhas, que são inseparaveis do meu leito; sómente será preciso que as venhas buscar quando eu fallecer» 10.

A 15 de janeiro findava o inquerito na lastimosa scena, em que o velho ministro, reduzido á ultima fraqueza, ouviu lêr os depoimentos de Oliveira Machado; de Pina Manique; de Antonio Galvão que abria as cartas no gabinete negro, e cujo trabalho era a mais ampla materia das proscricções; de outros que, outr'ora seus instrumentos, o renegavam, articulando que por seu directo mandado haviam feito as violencias e perseguições. Tragico instante esse em que, enredado no trama das capciosas perguntas, abatido em face das contra-



S. Thomé. — Uma procissão na Villa de Sant'Anna

(Cliché da Photographia Africana — S. Thomé).

ditas, sentindo-se alfim perdido, Pombal abdicou de toda a dignidade humana e, perante os juizes attonitos, tomada a voz de soluços, num estertor de angustia, appellou para a régia clemencia, supplicando perdão, e assentindo nas culpas de que lhe faziam cargo.

D'estas eram as principaes: dizer-se primeiro ministro, quando o não tinha sido; dizer, após a renuncia de seus empregos, que lhe era indelevel o caracter de ministro, que antes tivera; dizer que aos secretarios de estado se não devem pedir contas do que praticaram em nome do soberano; revelar negocios do estado, que deviam ficar secretos; finalmente conservar as minutas da defesa contra Mendanha, que um decreto mandara supprimir. Tudo relativo ao malfadado processo. Os verdadeiros crimes, as prevaricações, se as houve, as tyrannias, que o nome do rei acobertara, esses seriam de mediocre importancia ao pé d'aquelles outros, com que a facção no poder explorava o amor proprio da rainha.

(Continúa).

João Lucio.

¹ 12 janeiro 1779.

² 22 junho 1779.

³ *Letters from Portugal on the late and present state of that kingdom*, Londres 1777.

⁴ 4 janeiro 1780. Duna, 179.

⁵ Bibl. Nac., Coll. Pomb., Cod. 691.

⁶ 17 fevereiro 1778. Col. Pomb., Cod. 691.

⁷ *Compendio historico e analytico do juizo que tenho formado das dezasete cartas estampadas em Londres, etc.*

⁸ 13 setembro 1779.

⁹ 11 outubro 1779, Coll. Pomb., Cod. 706.

¹⁰ 8 dezembro 1779.

ANECDOTAS

Na rua:

— Meu senhor, uma esmola para a minha pobre tia que não se pode mexer.

— E porque é que não se póde mexer?

— Porque morreu ha dez annos.

§§

Entre amigos:

— Sinto muito a morte do teu bom tio, caro amigo. Tenho idéa de que elle era bastante rico. O que te deixou?

— Não me deixou nada.

— Nada!... Então para que morreu elle?...

§§

Criada e ama:

— A senhora despede-me por haver comido duas maçãs?

— Por haver comido apenas uma foram expulsos Adão e Eva do Paraizo.

O nome errado

A. D. Brites da Silva.

Quiz escutar a breve melodia,
Leit motiv extranho, evocador —
Seu nome baptismal que eu não sabia.

Passava na memoria: Leonor,
Francesca, Laura, a doce Beatriz
E Julieta — os symbolos do amor.

Mas, ao seu busto altivo só condiz
Um nome singular e caprichoso;
Nome d'artista ou celebrada actriz,

Nome da biblia, austero, magestoso,
Ou de rainha que o seu povo aclama,
Um nome augusto, hysterico, nervoso...

Por isso perguntei «aquella dama
D'olhos escuros, setinoso seio,
E d'esbelto perfil, como se chama?»

E voltei-me, a encobrir o meu enleio,
Como quem fala distrahadamente,
Discreto e cauteloso com receio

Que alguém sentisse em minha voz tremente,
Ou na expressão do olhar extasiado,
Que já lhe queria assim perdidamente.

Ouvi então dizer um nome, *errado*,
E exotico, porém de rima linda,
Que no meu coração ficou gravado

Com sua imagem. Hypnotisa ainda
Minha alma que, nas suas vibrações,
Ungidas em saudade que não finda,
Amortalhou... erradas illusões!

2-1909

J. de Oliveira Simões.

THEATROS

Trindade, O paiz do vinho, revista em 3 actos e 16 quadros, original de André Brun e Leandro Navarro. — *Rua dos Condes*, A abelha mestra, revista em 3 actos e 9 quadros, de Celestino da Silva.

A *première* de uma revista é ao presente um grande acontecimento no nosso meio theatral. E' o genero predilecto de uma grande parte do nosso publico e por isso o mais lucrativo para auctores e empregarios, que não se cançam, sempre em busca de novas perspectivas, nem se poupam a despezas para satisfazer as

THEATROS. — Trindade — "O paiz do vinho"



(Cliché de J. Benollet).

2.º acto. — Os bonecos de Bordallo

exigencias d'esse publico que é o terror dos que escrevem theatro, mas que, valha a verdade, n'este genero, se tem mostrado, em extremo, facil de contentar, pois raro é que uma d'estas peças enlie pelo buraco do ponto, como se usa em calão theatral.

Quer ellas se chamem *Paiz do vinho* ou *A. B. C.*, *Sol dos navegantes* ou *Abelha mestra*; isto é, servidas em doses ou meias doses, conseguem sempre agradar, o caso é não lhes faltar o *choradinho*, a *piadinha* tocando as raizas da obscenidade, as caricaturas politicas e um *Savalidade*. . . Oh! um *Savalidade* a dizer asneiras faz os delicias de uma platéa.

Não é assim, porém, a que nos foi agora servida na **Trindade**, confeccionada pelos srs. André Brun e Leandro Navarro. Os auctores procuraram fugir á rotina, e podemos asseverar, sem receio de cahir no exaggero, que, no nosso meio, fizeram uma verdadeira revolução no genero.

Dizem os auctores pela bocca de uma das personagens da sua revista, «*que procuraram ser justos sem offender e beliscar, sem fazer sangue*», e na realidade conseguiram o seu fim. A critica é imparcial, o espirito succede-se em cada phrase, tendo por vezes uns resaios de malicia, mas que não caustica nem fere o ouvido. E' um trabalho honesto, consciencioso, e, o que é mais, com valor litterario, o que, no genero, entre nós, poucas vezes succede.

No decorrer d'aquelles doze quadros desfilam á nossa vista typos flagrantés, cheios de verdade, todos muito nossos, com os quaes tomamos na rua a cada passo, e que os auctores com uma agudeza de observação que maravilha transportaram para a scena, pondo-lhes em relevo os defeitos e as virtudes.

O primeiro quadro passa-se no inferno. A um côro de diabos,

tas é engraçadissimo. Fechou este acto na primeira noite com o quadro — *Queda dos anjos* — devido ao pincel de Eduardo Reis, que embora represente um trabalho scenographico de primeira ordem, pela combinação das côres, foi recebido com frieza por parte do publico, por incomprehensivel. Quer-nos parecer que aqui falhou a imaginativa dos auctores, e bem avisados andaram estes em e suprimir, fazendo-o substituir por uma apothose a Bordallo Pinheiro.

Fallinhas. . . doses com que abre o terceiro acto é o quadro politico por excellencia. Aparecem os jornaes transmigrados em rebuçados, sem lhes faltarem os respectivos versos, que são sempre ironicos e provocam a gargalhada, e as caricaturas politicas. Depois, o quadro dos theatros que é deveras original: Um tribunal onde os theatros são julgados pela *Opinião publica*, que é representada pelo *Cepa-torta*, dellendidos pela *Borta*, e accusados pela *Piada de café*. Os auctores não poupam ninguem, nem a si proprios; as verdades cahem como punhos, mas sempre moldadas de fórma a não offender. Termina a revista com o regresso ao *Inferno*, onde o *Diabo* espera o filho de braços abertos, e uma apothose a Portugal.

A musica de Filippe Duarte e Luiz Filgueiras excellente, bem como o scenario e guarda-roupa. A encenação, de Taveira, muito cuidada como de costume.

Quanto ao desempenho é justo destacar o actor Gomes, que no *Cepa-torta* tem uma das suas melhores creações. Comico sem descer ao exaggero, o que n'outros papeis o tem prejudicado, e no monologo final da peça soube commover. Felicítamol-o. Etlvina Serra vae progredindo; a voz mais volumosa e dizendo primorosamente. Haja em vista o recitativo da *Missa da uma*. Thereza Taveira, Delphina Victor, Maria Santos e Mottili, muito bem. Corrêa e Roldão

Trindade — "O paiz do vinho"



(Cliché de J. Benoliel).

Final do 2.º acto

furias, titans, etc., succede-se um chistoso dialogo ao telephone entre o rei dos infernos e uma figura politica muito em evidencia, que acaba por mandar ao *Diabo* o *Cepa-torta* a quem aquelle pede para servir de *cicerone* ao filho n'uma viagem ao *Paiz do vinho*. São estas as duas figuras que atravessam toda a peça. No segundo quadro elles ahí vão o caminho da terra, atravessando mundos phantasticos, ora mergulhando no fundo das aguas, onde não falta o canto das seireias nem as fontes luminosas; ora atravessando as entranhas da terra. E' um bello trabalho de scenographia que honra o pincel de Carrancini. O effeito maravilhoso é surpreendente; parece uma visão das *Mil e uma noites*. Depois estamos em plena Praça do Commercio. N'este quadro ha typos felicissimos como, por exemplo, o pessoal do ministerio. Termina este acto com uma apothose ao saudoso actor Taborda.

Nos *salões de madame Bontom* abre o segundo acto — é este quadro talvez o mais falho de interesse. A seguir, o *Poema d'Argilla*. — Primoroso, sublime? E' inspirado na obra de um grande artista; são as mais brilhantes irradiações do seu genio; é uma arte toda nossa; são os nossos typos, os nossos costumes, é, enfim, a alma portugueza modelada no barro, e a que os auctores deram vida, transportando-a para a scena: — é a obra de Bordallo! Estas cinco palavras resumem tudo quanto de grande e bello se possa dizer de tão genial artista. E' este, incontestavelmente, o melhor quadro da peça: falla-nos ao coração, envaidece-nos. . . E o publico assim o sentiu, porque, interrompendo o espectáculo tributou ao glorioso e immortal artista uma brilhante ovação de seu filho Manuel Gustavo, que estava n'uma frisa. O terceiro quadro — *A ilha dos gallegos* — nome picaresco porque é conhecido um dos logares mais frequentados da cidade baixa, é bem traçado; o côro das homiscis-

tiveram rabulas felizes. Os restantes mantiveram-se de fórma a não desmanchar.

A peça está posta com um luxo excepcional.

E' caso para dar parabens aos auctores, á empreza, aos artistas, e tambem ao publico.

Deu-nos ultimamente o theatro da **Rua dos Condes** a *Abelha Mestra*; mais uma revista do sr. Celestino da Silva. Esta é ainda moldada nos processos antigos, não lhe faltando o *Savalidade* d'esta vez disfarçado em *Zangão*.

O auctor que n'outros trabalhos do mesmo genero tem revelado talento e graça, mantem as suas tradições.

Comtudo não é esta a sua producção mais feliz. Reproduz typos já conhecidos de outras revistas, tendo porém a originalidade da apresentação dos sete Moritz, que tem realmente espirito.

No emtanto está feita ao sabor do publico: caustica os politicos; fala n'uma nova aurora; tem tiradas dramaticas e motivos da Portuguez de mistura com cantos populares, o que basta para lhe garantir a carreira.

O scenario é bom. A musica, arranjada por Luz Junior, ouve-se com agrado.

O desempenho muito regular, havendo a especialisar: Carlos Leal que no *Zangão*, reproduziu o celebre policia do *O' da guarda*, creado pelo seu collega Nascimento Fernandes; Barradas, na canção hungara; Raphaela Fons que canta bem e com graça. Encenação de Joaquim de Almeida, acertada.

Ruy.